

A IDENTIDADE SINCRÔNICA E DIACRÔNICA EM MACUNAÍMA

Rex P. Nielson*

Talvez mais do que qualquer outro lugar no mundo, as Américas continuam a existir como um espaço no qual as raças e as culturas diferentes tanto se abraçam quanto se colidem. Esta situação levanta a seguinte questão: como é que os americanos (no sentido hemisférico) reagem à mistura racial e cultural? Neste trabalho, proponho que no contexto brasileiro é útil considerar a mestiçagem racial e cultural sob os parâmetros sincrônicos e diacrônicos. Durante o século dezanove e o início do século vinte, a elite brasileira tipicamente expressou sua identidade nacional em termos de uma presença europeia desterrada e chocada pela terra exótica e pela cultura, sobretudo, indígenas, além da influência da cultura africana. Esta posição eurocêntrica encarou a miscigenação não como a gênese de uma nova identidade, mas sim, como elaborou Sérgio Buarque de Holanda (1936), parte do processo natural pelo qual os portugueses realizaram sua nova nação, no outro lado do mar. Guilherme Amaral Luz (2001, p.5) articulou a posição desta elite: “A terra, portanto, é Portugal, responsável por alimentar a planta (o Brasil) através da ‘raiz’, que poderíamos traduzir como tradição”. Esta metáfora orgânica sugere que para os que estavam povoando a terra politicamente denominada Brasil, havia uma deslocação total entre eles e essa nova terra. O que sustentava esta planta era uma longa raiz ligando-a, o Brasil, a Portugal. Esta raiz era a tradição intelectual eurocêntrica, sobretudo portuguesa. Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1936), a elite brasileira do século dezanove definia-se diacronicamente como herdeira de uma identidade fundada não no Brasil mas sim em Portugal.

Respondendo a essa ótica restrita e eurocêntrica, o modernista Mário de Andrade (1962) criticou veementemente, noções superficiais da tradição e da dependência nacional. Mário de Andrade (1962, p. 14) deplorou o fervor nacional dos então eruditos, dizendo, no seu famoso trabalho sobre a música brasileira: “O que deveras eles gostam no brasileirismo [...] não é a expressão natural e necessária duma nacionalidade não, em vez é o exotismo”. Sua crítica não é aos elementos aparentemente

* Ph.D. program in Portuguese and Brazilian Studies Brown University
E-mail: rex_nielson@brown.edu

Recebido em: 21/07/2008

Avaliado em: 18/08/2008

exóticos da sociedade brasileira em si, mas à postura das elites que vêem tais elementos como exóticos, uma postura fundamentalmente eurocêntrica e diacrônica. O presente estudo examina a maneira como Mário de Andrade (1997), no seu romance *Macunaíma*, critica o ufanismo brasileiro e ao mesmo tempo vai recuperando uma identidade brasileira, através dos mitos e das tradições locais. Em *Macunaíma*, o autor abandona a idéia do europeu exilado numa terra exótica em favor de uma expressão racial e cultural (e eu aqui adiciono fabulosamente) mista, que está enraizada na terra fértil e local. Tal privilegiamento da tradição local permite Mário de Andrade (1997) explorar (talvez em ambos sentidos) uma possível identidade brasileira *in situ*, sem usar os recursos do discurso ufanista e eurocêntrico. Além disso, tal reconciliação com a tradição local permite uma eventual identificação transnacional entre *Macunaíma*, ou seja, um possível Brasil, e o resto da América Latina.

Com a primeira frase do romance, Mário de Andrade (1997, p. 9) põe em questão a identidade brasileira fundada no modelo diacrônico: “No fundo do mato-virgem nasceu *Macunaíma*, herói de nossa gente” (ZILBERMAN, 1988). Primeiro, o local de fundação não é Europa nem Brasil, falando politicamente: é o fundo do mato-virgem, portanto, o espaço de fundação não é um espaço politicamente definido. Quer dizer, não é um espaço histórico, mas sim um espaço fora dos mapas, ou seja, fora da política, e, além disso, natural. Isto é significativo porque, já no início do romance Mário de Andrade (1997) vai se retirando da garra da história diacrônica. A identidade brasileira nasce aqui no fundo do mato-virgem: esse “fundo” é usado no sentido quantitativo, ou seja, refere-se ao âmago do Brasil. Nesse fundo *Macunaíma* nasce. A figura que aqui representa o Brasil não é uma figura histórica chegando ao Brasil no século dezesseis – um conquistador português. A figura principal, o herói *Macunaíma*, nasce fora dos restritos temporais e históricos num espaço local (na terra). Assim o texto sugere que o âmago da identidade brasileira é localizado não no espaço temporal, mas num espaço geográfico, um espaço da simultaneidade. Além disso, como aponta Regina Zilberman (1988), a idéia do “fundo do mato-virgem” também indica o silêncio. A narração do romance surge espontaneamente do lugar de uma tradição discursiva herdada da Europa. A expressão, a articulação, dessa identidade, *Macunaíma*, tem origem, portanto, fora do discurso histórico. Novamente, vemos a preferência de Mário de Andrade (1997) pelo modelo sincrônico em vez do modelo diacrônico.

Não é importante que os eventos da vida de *Macunaíma* aconteçam em momentos específicos, o que importa é a confluência das várias influências em cada

momento, ou seja, a cronologia da vida de Macunaíma não é essencial. O essencial é algo atemporal – é a convergência de todos os fatores/elementos de cada momento. Podem ser até históricos, mas o que é privilegiado para Mário de Andrade (1997) não é o momento em si, nem a sucessão de momentos, mas o produto duma convergência localizada. Por exemplo, no início do romance, Macunaíma pode sair pelo mato, aos seis anos, encontrar umas plantas mágicas, e virar “um príncipe lindo” (ANDRADE, 1997, p.10). Não é estranho que num determinado momento ele tem uma idade e num outro ele tem outra. A seqüência em si não é o essencial. Macunaíma pode ser qualquer idade em qualquer momento e é perfeitamente aceitável dentro da estrutura do romance. De fato, vários capítulos e episódios começam com a frase: “No outro dia, Macunaíma...” ou “No outro dia, o herói...” indicando a natureza atemporal do romance. Assim Mário de Andrade (1997) foge de um modelo diacrônico que favorece as raízes européias da história do país. Em vez disso ele valoriza a confluência de todos os elementos que se convergem na figura de Macunaíma – é um modelo que consegue abordar, reunir, e respeitar todos os elementos da identidade de Macunaíma numa maneira sincrônica localizada num espaço local. Não há uma postura privilegiada perante as múltiplas tradições e culturas que convergem na figura de Macunaíma a não ser uma posição local. Agora, chegando ao fim daquela primeira frase, Macunaíma é imediatamente posto como “o herói de nossa gente” (ZILBERMAN, 1988, p.9). Propositadamente, Mário de Andrade (1997) levanta a questão de quem é que pertence a essa identidade. Quem é que pertence a esse “nossa”? Para a elite brasileira, esse “nossa” seria quase uma afronta, um desafio aos intelectuais brasileiro - imaginar a coletividade brasileira de uma maneira radicalmente diferente e inclusiva.

A teoria do crítico caribenho Édouard Glissant (2000) é muito saliente nesse aspecto. Na sua obra *Poetics of Relation* Glissant (2000, p. 143) faz um comentário relacionado às sociedades diacrônicas: “These societies are preserved by being projected onto other territories, making their conquest legitimate – and through the project of a discursive knowledge”. Uma identidade diacrônica é legitimada no projeto da narração de uma história escrita. Glissant (2000, p. 151) continua mais tarde:

Territory is the basis for conquest. Territory requires that filiation be planted and legitimated. Territory is defined by its limits, and they must be expanded. A land henceforth has no limits. That is the reason worthy defending against every form of alienation.

Retornando à metáfora orgânica de Guilherme Amaral Luz (2001): a terra é Portugal, a planta é o Brasil, e a raiz podemos traduzir como a tradição. Mário de Andrade (1997), muito antes de Glissant (2000), parece reconhecer que um território exige que a filiação seja plantada e *Macunaíma*, como um texto, confronta o discurso das elites (ou seja, a narração da nação) ao propor um texto plantado fora dos confins de um território. O confronto do texto não é um confronto por outra narração diacrônica, mas, segundo a articulação de Glissant (2000, p. 144), *Macunaíma* “does not think of a land as a territory from which to project toward other territories but as a place where one gives-on-and-with rather than grasps”. O Brasil de *Macunaíma* não é um território, quer dizer, o mapa não é importante. As fronteiras políticas não são importantes. Tudo aquilo implica uma identidade histórica e, enfim, diacrônica. O Brasil é um lugar no qual a identidade brasileira surge da confluência da multiplicidade de histórias, raças, culturas, e asserções à legitimidade – é a soma daquilo, situado em determinado local, que faz o ente brasileiro. Assim essa identificação baseada no modelo sincrônico não é mera estética, mas é ética também, pois o texto traça o ser e o ser no mundo, como diz Glissant (2000): “where one gives-on-and-with rather than grasps”. O romance aponta ao mesmo tempo uma possível identidade brasileira e o jeito/o modo dessa identidade se dar no mundo. É uma estética e uma ética.

No capítulo cinco, surge outro episódio significativo. É o episódio da origem das raças brasileiras, e começa assim:

No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciência na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. . . Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas, rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-irgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. Por tantas conquistas e tantos feitos passados o herói não ajuntara um vintém só dos tesouros herdados. (ANDRADE, 1997, p. 28)

Novamente encontramos um episódio no qual o tempo linear, diacrônico e histórico é desenfatuado e substituído por uma valorização do lugar, que é um espaço sincrônico. O caso começa com a frase “No outro dia” como se fosse “era uma vez” tirando qualquer contexto histórico, mesmo em termos da cronologia da vida

de Macunaíma. O narrador admite, “Muitos casos sucederam nessa viagem,” mas o comentário é revelador: não é a cronologia desses casos, a sucessão desses casos, que é importante mas o local: as caatingas, os rios corredeiras e os gerais, etc. A trajetória de Macunaíma é significativa: não é a trajetória de “uma flecha voando para um fim já conhecido e determinado” (“Para uma Poética do Sertão”, p.7). Macunaíma não sai pela terra, e pelo Brasil, como descobridor ou explorador, mas como habitante. Essa trajetória corresponde, a meu ver, a outra noção de Glissant (2000, p.18-20) da errância. Diz ele,

Uprooting can work toward identity, and exile can be seen as beneficial, when these are experienced as a search for the Other”; “One who is errant (who is no longer traveler, discoverer, or conqueror) strives to know the totality of the world yet already knows he will never accomplish this—and knows that is precisely where the threatened beauty of the world resides.

Eu acho importante explicar aqui que é óbvio que a figura de Macunaíma não tenha desenvolvido a consciência dessa errância sua. Tal intenção não lhe é atribuída por Mário de Andrade (1997), quer dizer, ele não tem consciência de estar conhecendo o mundo nos termos de Glissant (2000), nem de estar conhecendo o Outro. Muito ao contrário ele deixa sua consciência na ilha de Marapatá. Além disso, como indica o narrador, “Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. Por tantas conquistas e tantos feitos passados o herói não ajuntara um vintém só” (p.28). Sua falta de consciência de estar conhecendo a totalidade do mundo é ilustrada pelo fato de ele não ter ajuntado “um vintém só” dos tesouros que ele até agora tem encontrado. Macunaíma não é um bandeirante estabelecendo as fronteiras do Brasil, enquanto carrega uma bandeira e procura os tesouros do país. O Brasil não é a soma, a acumulação das suas partes, seus tesouros. Nesse sentido, a articulação de Macunaíma tem muito a ver com o célebre artigo de Roberto Schwarz (1987) “Nacional por Subtração”. Diz ele,

Em síntese, desde o século passado existe entre as pessoas educadas do Brasil — o que é uma categoria social, mais do que um elogio — o sentimento de viverem entre instituições e idéias que são copiadas do estrangeiro e não refletem a realidade local. Contudo, não basta renunciar ao empréstimo para pensar e viver de modo mais autêntico. Aliás, esta

renúncia não é pensável. Por outro lado, a destruição filosófica da noção da cópia tampouco faz desaparecer o problema. Idem para a inocência programática com que a o antropófago ignora o constrangimento, o qual teima em reaparecer. “Tupi or not Tupi, that is the question”, na famosa fórmula de Oswald, cujo teor de contradição... diz muito sobre o impasse.

Segundo a posição do Schwarz (1987) a crítica Regina Zilberman (1988, p.155) adiciona:

The book oscillates between Macunaíma the conqueror, a type of revitalized image of the ‘bandeirante’, and Macunaíma the perplexed figure, who seeks to escape the anxieties of the modern world. This ambiguity is never resolved, given that the spirit of euphoria and that of dejection alternate as the action progresses, and this has the effect of both consolidating and, at the same time, questioning the mythical basis which permits the presence of both these states.

Embora eu não concorde plenamente com a identificação de Macunaíma como uma figura perplexa procurando escapar do mundo, eu também vejo uma ambigüidade não resolvida no texto. Macunaíma é o malandro errante e às vezes o imperador. O Brasil sugerido no texto não é uma soma, nem uma subtração, mas uma convergência orgânica, nem sempre entendida, um viver na terra. Novamente vemos outra ilustração de um modelo sincrônico em vez do modelo diacrônico, e o que proponho aqui é que essa noção faz uma parte implícita na estética do romance, como uma tentativa de reconciliar ou expressar as ambigüidades do ser brasileiro.

No fim do seu trabalho sobre Macunaíma, Regina Zilberman (1988, p. 125-154) diz, “*the end of the book is devastating in its implications, for Macunaíma abandons his original environment, and everything returns to the ‘esquecimento do silêncio imenso’*”. Mas uma conclusão assim ignora as múltiplas possíveis identidades indicadas pela figura de Macunaíma. O texto não é mera decomposição dum patriotismo eurocêntrico. Não é a subtração de uma voz, de uma narração dominante por outra voz semelhante, mas o romance representa uma convergência muito produtiva de vozes e identidades múltiplas. Como diz Sílvio Santiago (1982, p. 38-39) no seu excelente trabalho “Vale Quanto Pesa”:

Macunaíma, o romance que se quis ‘rapsódia’, é semelhante às Bachianas, de Villa-Lobos, obras que navegam tanto em águas européias quanto em peculiarmente nacionais, exibindo-se finalmente como um périplo de descoberta do Brasil às avessas. O europeu caminho do mar para o centro do país. Macunaíma caminha de dentro do país para o mar.

É neste entrecruzar de discursos, já que é impossível apagar o discurso europeu e não é possível esquecer mais o discurso popular, é neste entrecruzar de discursos que... o intelectual brasileiro encontra hoje o solo vulcânico onde desrecalcar todos os valores que foram destruídos pela cultura dos conquistadores.

E assim diz Robert Stam (1997, p. 73):

The concept of multiple and simultaneous racial (*and I add cultural*) identities, at once personal and national, then, made it possible for de Andrade to imagine the self as a polyphonic orchestration of racial and cultural identities... that do not fuse into a single consciousness but rather generate dialogical dynamism among themselves.

É essa identidade dinâmica e dialógica que enfim resta no romance. O romance é patriótico, mas não político no seu sentido principal. Ao celebrar a identidade local, Mário de Andrade (1997) ironicamente ultrapassa os confins e os restringimentos de uma identidade política e nacional para chegar a uma identificação do indivíduo com o mundo mais universal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Martins, 1962.

_____. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 30. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997.

GLISSANT, Édouard. **Poetics of relation**. Trans. Betsy Wing; Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2000.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

LUZ, Guilherme Amaral. Semeadores do exílio: poemas para a história das raízes do Brasil. **MNEME: Revista de Humanidades**, Caicó, RN, v. 2, n. 4, jun/jul 2001.

- SANTIAGO, Sílviano. **Vale quanto pesa:** ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SCHWARZ, Roberto. “Nacional por subtração.” In: _____. **Que horas são.** São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- STAM, Robert. **Tropical multiculturalism:** a comparative history of race in Brazilian cinema and culture. Durham: Duke University Press, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. Myth and brazilian literature. In: POYATOS, Fernando. (Ed.) **Literary anthropology:** a new interdisciplinary approach to people, signs and literature. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p.141–59.